



João Mendes Coelho*

Folie à deux

Autópsia psicológica

Ponta Delgada, 11 de setembro de 1991.

A humidade insuportável. No prólogo da última consulta, um “pedido urgente” e logo uma primeira vez. Extra. Encaixada na agenda no lugar do lanche. O meu pavio curto,

— *Doente referenciado, ou é difícil ou é malcriado.*

Abro a porta. Reconheço a figura no mesmo instante. A barba longa, os ombros curvados sobre o tronco, os dedos longos, esqueléticos, a pele branca, demasiado branca, e aqueles olhos azuis encovados, espelhando-lhe a alma toda, doente, perdida neste mundo.

— *Chamo-me Miguel. O que o traz a esta consulta?*

Movimentos lentos, penosos. Frágil. Ao sentar-se, um esgar de dor. A mão esquerda ergue-se de súbito ao abdómen. Não o apresso, dou-lhe o seu tempo.

— *Como posso ajudar?*

Olha-me nos olhos. Demora-se. Demoro-me com ele. Ficamos ali, num diálogo silencioso de olhares, até que

— *Eu chamo-me Antero... Não sei por onde começar.*

Aceno levemente com a cabeça, encorajando-o.

— *Um amigo insistiu que viesse consultar um psiquiatra. Regressei a São Miguel há 3 meses... há muito que... que não me sinto... (pausa) As palavras faltam-me... (pausa) Eu disse-lhe que era inútil, que não valia a pena, já, maçar-se. Maça-lo a si. Desculpe. (suspira) Insistiu muito. (pausa) Consultei um colega seu, em tempos, em Paris. Talvez o conheça, um professor... (pausa) Recomendou, sei lá. (pausa) “A mente de uma mulher no corpo de um homem” e outros disparates da mesma ordem de grandeza. (pausa) Passei uma boa fase em Vila do Conde, depois disso.*

O tom baixo, a cadência hesitante de cada frase e os intervalos de silêncio, longos, revelam o esforço sobre-humano que despense no relato. Oiço-o, dolorosamente. Sinto o peso que carrega. É inevitável. Quase que o esmaga. E a mim. “Quase”?

Muito lentamente, levanta o olhar do chão e prega-o, sem esperança, novamente ao meu. Silêncio, mas como se gritasse

— *Entendes-me, Miguel?!*

Respondo à pergunta que não chega a soltar

— *Muitos de nós, quando se sentem mais ou menos como se tem sentido, colocam a hipótese de acabar com a vida. Tem pensado nisso?*

Uma lágrima escapa desenfreada do seu olho direito. Depois outra. E outra também do esquerdo. E silêncio. Outra vez, silêncio.

— *Obrigado.* – responde, muitos minutos depois, brevemente aliviado.

Na minha mão, o primeiro dos espinhos que traz cravados na alma.

Passadas algumas semanas, no fim da nossa terceira consulta

— *Voltei a escrever.*

Entrega-me uma folha. Um soneto. No título, em latim, o desejo “*Renasce In Pace*”.

— *R.I.P.. Subtil, não lhe parece?* – sorri, pela primeira vez desde que nos conhecemos.

Sorrio com ele. Leio, esmagado pelo génio libertado daquele homem.

— *Ia morrer naquele dia. Era esse o plano. Aqui bem perto. Naquele banco, sob a inscrição “Esperança”, junto ao Convento... da Esperança.* (suspira) *Obrigado.*

A luz clara da manhã irrompe inesperadamente.

— *Ganhei peso.* (sorrisos os dois) *O estômago não me atormenta já. As minhas enteadas tão felizes a ver-me comer! O meu amigo Oliveira Martins, agora mais descansado, pediu-me o seu contacto... Ah! E pondero voltar a Vila do Conde.*

— *A seu tempo, Antero.*

— *Sabe? Tenho pensado muito no que me disse naquele dia... tanto que ficaria por dizer, por fazer, por viver! As meninas, a minha irmã Ana, os meus amigos... a Poesia.* (pausa) *Não o atormenta, o potencial de tanto homem e mulher por esse mundo afora perdido para essa maldita depressão e para o suicídio?*

— *Oh! se me atormenta, Antero! Se atormenta.*

(a ouvir: A garota não - Prédio mais alto)

* *Médico da Psiquiatria e Adictologia; Pós-graduado em Suicidologia, em Dependências Químicas e em Psicoterapia Cognitivo-Comportamental; Aluno de Doutoramento na Escola de Medicina da Universidade do Minho; Docente convidado da Universidade dos Açores*

Tremor e Museu da Lagoa promovem oficina de arte bonecreira e presépios de lapinha

Até 23 de Janeiro, o Tremor e o Museu da Lagoa promovem uma oficina de arte bonecreira e presépios de lapinha, com o objectivo de reinterpretar os tradicionais bonecos de barro e os presépios de lapinha que, este ano, são o mote para a identidade visual do festival.

A intenção desta iniciativa foi juntar João Arruda, o artesão residente do Museu da Lagoa com Ruca Bourbon e Mariana Malhão, dois dos artistas convidados pelo Tremor, num trabalho colaborativo de confecção, pintura e construção de presépios com as figuras produzidas. Para o efeito, foi organizada uma oficina, aberta à comunidade, disponibilizando-se 10 vagas, todas preenchidas, onde os participantes encontram-se a fazer parte da produção.

Esta oficina de arte bonecreira e presépios de lapinha decorre no con-



vento de Santo António, sede do Museu da Lagoa, tendo os inscritos sido divididos em dois grupos, funcionando em horários diferentes. Segundo os dois artistas convidados, aceitaram o desafio como forma de aprendizagem de uma arte nova para eles e

que, ao mesmo tempo, lhes permite explorar a sua criatividade.

De acordo com a vereadora da área da cultura da Câmara Municipal da Lagoa, Albertina Oliveira, o desafio lançado pelo Tremor ao Museu da Lagoa foi bem recebido, até por-

que é mais uma forma de divulgar a arte bonecreira, tão identitária do concelho de Lagoa, e, ao mesmo tempo, explorar outras potencialidades. Albertina Oliveira alude aos diversos projectos que a autarquia tem desenvolvido em torno da arte bonecreira, desde o Núcleo Museológico do Presépio, ao projecto Novos Bonecreiros, relembra o presépio inaugurado em Dezembro passado, o Presépio das Histórias, tendo também promovido várias exposições e acções formativas.

De referir que, o Festival Tremor decorre, na ilha de São Miguel, entre os dias 19 e 23 de Março, sendo já uma referência no panorama artístico e cultural a nível nacional. Os bonecos criados nas oficinas do Museu da Lagoa farão parte de uma exposição inserida no festival.